

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024  
UFMS - Campo Grande/MS

## A subjetividade na história da imprensa feminina brasileira<sup>1</sup>

Tainá Mendes Jara<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

### Resumo

Neste trabalho mostramos, por meio de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, a presença da ideia de subjetividade na imprensa feminina brasileira do final do século XIX até os dias atuais, precedendo, inclusive, a noção de objetividade jornalística estabelecida pelo processo industrial. Tais elementos levam a aproximação com as propostas do jornalismo com perspectiva de gênero e de jornalismo de subjetividade de Fabiana Moraes (2019, 2022) e Márcia Veiga (2019).

### Palavras-chave

Jornalismo com perspectiva de gênero; imprensa feminina; objetividade; subjetividade; feminismo

### Introdução

As mulheres estão entre as responsáveis por impulsionar parte dos debates teóricos no jornalismo tanto por meio de produções quanto por mobilizações sociais, levando a mudanças nas linhas de abordagem e no surgimento de novos veículos com o propósito de fazer jornalismo a partir de outra perspectiva (Jara, 2019; Santos, 2020). Assim, o principal objetivo dessa proposta de estudo é revelar que a subjetividade já permeava as produções da imprensa feminina antes mesmo da chegada no jornalismo brasileiro do conceito de objetividade como o conhecemos. Para atingir tal objetivo, faço uso de uma pesquisa bibliográfica e exploratória, a fim de problematizar melhor o tema. (Gil, 2008).

### Revelando a subjetividade na imprensa feminina

Levantamento de Dulcília Buitoni (1990) sobre a imprensa feminina brasileira, a partir do século XIX, revela conteúdos diversos, que abarcam desde o âmbito doméstico a lutas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia - Alcar CO 2024.

<sup>2</sup> Jornalista e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: tainajara@gmail.com.

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS

feministas, com indícios de tensionamentos conceituais e estéticos. Entre os exemplos a serem apontados estão o deslocamento da atualidade, no sentido de registro do fato, para a novidade, num aspecto pré-fabricado e atemporal; a priorização do interpretativo ao informativo; além da valorização das imagens e o aprofundamento do conteúdo ao priorizar as revistas como suporte de circulação (Buitoni, 1990, 2009). Tais características, conforme a autora, nos convocam a sair da superfície para enxergarmos o caráter mais “ideologizado” em relação à imprensa dedicada ao público em geral.

Identificando essas características, Buitoni debate os questionamentos em relação à legitimidade dessas publicações enquanto jornalismo, pois os periódicos femininos quase nunca estão atrás dos fatos, não sendo tal noção suficiente para abarcar o conteúdo trazido pela imprensa feminina. Para os críticos, o “verdadeiro” jornalismo reveste-se de mais valor quando ligado à notícia objetiva, ao debate, à análise do que aconteceu no mundo, mas para Buitoni (1990), objetividade e neutralidade são ideias inatingíveis.

Na busca por estruturar a história da objetividade jornalística, Sponholz (2009) coloca o formato da pirâmide invertida como responsável por dar um caráter mais industrial às produções, levando os profissionais a decidirem pelo “fato mais importante dentro do acontecimento a ser noticiado” (Sponholz, 2009, p. 67), tornando, portanto, a escrita mais objetiva. Tal recurso já estava presente na imprensa brasileira nos textos de agência de notícias desde a década de 1930, porém, apenas se tornou um elemento de produção próprio com a reforma do Diário Carioca, que passou a considerar a técnica como elemento chave das produções. Segundo a autora, até então, a imprensa tinha um forte apelo literário e a adoção das novas técnicas permitiu uma proximidade maior com a linguagem cotidiana.

A essa altura, a imprensa feminina já se desenvolvia no Brasil. Conforme Buitoni (1990), o primeiro periódico feminino registrado foi o carioca O Espelho Diamantino, lançado em 1827. A partir de 1914, a Revista Feminina é um exemplo promissor de vinculação de imprensa e publicidade que seguiu forte, passando a fase de grande imprensa feminina iniciada com a Capricho, em 1952. Tais publicações foram determinantes na disseminação de assuntos como o empoderamento sexual feminino e direito ao voto.

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS

A partir do início dos anos 2000, o jornalismo começa a explorar os meios virtuais. Os jornais femininos não só aderem a transição como a popularização das ferramentas online leva ao surgimento de novos veículos. No Brasil, sites como o Portal Catarinas; Revista AzMina; Nós, Mulheres da Periferia; Blogueiras Negras surgem na esteira de mobilizações feministas de caráter local-global como Marcha das Vadias, #NiUnaMenos e Paro Internacional de Mujeres (Jara, 2019; Jara e Santos, 2023).

A origem articulada com mobilizações sociais vigentes intensificam ainda mais o tensionamento de conceitos jornalísticos na busca de uma maior representatividade das mulheres. Ao fazer um estudo de caso do Portal Catarinas, Gustafson (2019) identifica a constituição de um jornalismo com perspectiva de gênero tensionando o conceito de objetividade, comum entre ciência e jornalismo, a partir dos estudos da bióloga e feminista Donna Haraway em que propõe uma objetividade corporificada como forma de ressignificação a “uma perspectiva parcial e de localização limitada” (Gustafson, 2019, p. 28). Caminho semelhante é identificado por Miguel e Santos (2022), a partir da análise das reportagens especiais da Revista AzMina culminando na identificação de um midialivrisimo com perspectiva de gênero, priorizando narrativas complexas e temáticas de mulheres de diferentes localidades sociais, como mães, mulheres negras, trans, lésbicas e periféricas.

Relacionando jornalismo com os estudos de gênero decoloniais, Lago, Gonçalves e Kazan (2023) analisaram criticamente a produção do site Nós, Mulheres da Periferia, para questionar uma racionalidade positivista da prática, considerando o veículo enquanto espaço de resistência de agentes subalternos. Para Pereira da Silva (2019), a forma colaborativa do site Blogueiras Negras, criado em 2012 por feministas interseccionais, representa uma disputa de narrativa contra o racismo, o sexismo e a exploração de classe no campo cultural, levando a construção de uma identidade coletiva e plural de grupo.

Seguindo esta breve cronologia da imprensa feminina do final do século XIX passando as últimas décadas, podemos perceber indícios para o que as autoras Moraes e Veiga da Silva (2019) denominam de jornalismo de subjetividade. Em uma proposta de virada epistemológica, as autoras reconhecem as limitações da ideia de objetividade jornalística em questões relacionadas a raça e gênero por ser baseada na neutralidade e na noção de sujeito

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS

universal (o homem, branco, heterossexual, ocidental). Sugerem, portanto, “que a prática jornalística preveja a subjetividade como uma ferramenta para a descolonização dos conhecimentos do Jornalismo” (Moraes, Veiga da Silva, 2019, p. 2). Diante da proposta, as autoras alertam para o entendimento do “subjetivo” não a partir unicamente do “eu”, como algo apenas do âmbito individual ou que anule a noção de objetividade enquanto técnica, mas compreendido nos planos individual e coletivo (MORAES, 2022). A proposta consiste em repensar “a objetividade assentada em uma racionalidade que se como universalista, construída sobre ideias humanistas racializadas, generificadas, sobre uma racionalidade que construiu um “normal” e um “Outro” (Moraes, 2022. p.15).

## Considerações

A partir desse levantamento bibliográfico é possível perceber que a imprensa feminina brasileira traz pontos de tensionamento em relação aos preceitos jornalísticos estabelecidos, especialmente, em contexto de incorporação das produções aos processos industriais. Tal movimento tem ligação direta com a realidade das mulheres, na sua maioria, criadas para viver o espaço privado e não o público, esbarrando, portanto, numa inevitável incompatibilidade ou desajuste em relação a imprensa produzida para o público “em geral” e supostamente relativa ao comum, mas claramente moldada a lógicas universais que excluíam mulheres e outros grupos oprimidos. O levantamento dos veículos mais atuais traz indícios de que tal tensionamento se intensificou ao ponto de questionar os conceitos fundantes do jornalismo, contudo, as pesquisas precisam avançar para trazer resultados mais conclusivos para se pensar o lugar da subjetividades nas práticas jornalística com perspectiva de gênero.

## Referências Bibliográficas

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

# 7º Encontro Regional Centro-Oeste de História da Mídia

21 e 22 de novembro de 2024

UFMS - Campo Grande/MS

GUSTAFSON, Jessica Costa. **Jornalismo feminista: Estudo de caso sobre a construção da perspectiva de gênero no jornalismo.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis, 2018.

JARA, Tainá Mendes. **#NenhumaAMenos: Redes sociais e feminismos nos fluxos informativos do caso de feminicídio de Mayara Amaral.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7966194#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7966194#)> Acesso em: 15 mai. 2024.

JARA, Tainá; SANTOS, Leticia de Faria Ávila. **As vozes feministas como caminho para um jornalismo de subjetividade.** In: Intercom, 46º, 2023. Belo Horizonte. Disponível em: <[https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202310490964dcd3d5a1445.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202310490964dcd3d5a1445.pdf)>. Acesso em: 08 mai. 2024.

LAGO, Claudia; GONÇALVES, Gean; KAZAN, Evelyn. **Jornalismo a partir da lógica: o caso do Nós, Mulheres da periferia .** In: Revista Pauta Geral, v. 10, n. 2 [123 a 143] 2023. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21891/209209218236>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

MIGUEL, Katarini; SANTOS, Leticia de Faria Ávila. **Quando o jornalismo encontra o feminismo.** In: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 21, n. 29 [171 a 183] 2022. Disponível em: <<https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/806>>. Acesso em: 23 out. 2024.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza.** Porto Alegre:Arquipélago, 2022.

PEREIRA DA SILVA, Thais. **Construções Identitárias e TICs: o caso do blog “Blogueiras Negras”.** In: Extraprensa, São Paulo, v. 12 n. esp. [488 a 504] 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/156752/157013>>. Acesso em: 23 de out. 2024.

VEIGA DA SILVA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias.** Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA DA SILVA, Marcia; MORAES, Fabiana. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora.** In: ANAIS DO 28º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi>> Acesso em: 25 jun. 2022.